

CARREGAVAMOS

as nossas cruzes diferentes por os caminhos diversos. Não posso dizer que fomos amigos neste mundo; mas eu sabia que poucos teriam habitado tanto a minha poesia como ele, e que raros seriam capazes de julgar-me com o amor e a compreensão que os julgamentos verdadeiros requerem. Poucas vezes andamos juntos — mas quando nos encontrávamos tínhamos sempre o que nos dizer. Abriamos os nossos corações e as nossas almas, onde estívéssemos — na rua, em casas de amigos comuns, em reuniões públicas. Lembra-me de que, certa vez, durante a realização de uma assembleia qualquer, nos afastamos os dois de todos os presentes, e a um canto, perto de uma janela, nos entretivemos a falar sobre coisas que amávamos, os autores, os países, os santos que preferíamos.

Explicou-me mais de uma vez, Joaquim Costa Ribeiro, princípios e elementos da Física, sua especialidade. Dispunha ele da palavra clara de que a minha total ignorância necessitava. Não complicava a sua ciência. O hábito de bem ensinar o tornara modesto. Mas o seu maior conhecimento, o que ele mais profundamente amava, era a poesia. Com ela consolava-se e exaltava-se. Nela mergulhava o seu espírito que o exercício da ciência, o trato com os números não conseguira limitar ou desviar do interesse pelo mistério das palavras livres e puras que permitem configurar o indefinível. Era um homem que parecia ter encontrado o equilíbrio, um ser que sabia não ter nascido por acaso num mundo absurdo. Deus existia para ele. As paixões estereis não o devoravam. Era um desses aventureiros do século XX, a que Péguy se referia, pois em casa viviam com ele nove filhos. Ah! os pais de família, êsses aventureiros do mundo moderno, que lançam neste tempo seres que devem salvar-se, quando tudo, nos dias presentes, trama contra a salvação.

A vida de Costa Ribeiro era a de um homem honesto em todos os seus aspectos. Honestos como cidadão, como crente, como cientista, como intelectual, como profissional. Nasceu privilegiado e protegido, porque a sua disposição, a sua natural inclinação era a de

COSTA RIBEIRO

amar as coisas boas e certas. Não era possuído por certas paixões perigosas.

Acompanhando o seu corpo ao repouso definitivo, lembrei-me de um nosso encontro neste mesmo Cemitério de São João Batista, no dia em que a senhora Costa Ribeiro foi sepultada — há uns quatro anos. Nessa ocasião, escolheu-me ele para ampará-lo no terrível trajeto de volta do enterro. Entre muitos amigos, cercado de seus familiares, apolou-se em mim e atirou-me no coração a sua dor, quase ia escrevendo o seu desespero de abandonado. O cientista, o espírito harmonioso e sutil, o homem doce e de aparência equilibrada desaparecera, fora substituído pelo viúvo-órfão, que não mais se resguardava, que não podia esconder nada do seu espantoso, do seu surpreendente sofrimento. Seu coração não se aquietava um segundo; sua lembrança, como um pássaro perseguido; aflito atirando-se contra os vidros das janelas, tentava uma fuga impossível. Querria ele que eu — na qualidade e no exercício da dignidade de poeta, lhe explicasse sua inexplicável eleição para o maior sofrimento, para o maior desamparo, para a maior solidão. A desapareição da amada, da companheira sempre solidária, da mãe de seus filhos numerosos, fazia de Costa Ribeiro uma criança perdida. Não me esquecerei daqueles minutos em que ele se amparou em mim e em que eu me amparei nele e o considerei um homem particularmente cumulado pela vida — que lhe oferecera um sofrimento alto, dilatante mas puro, e lhe permitira participar de um martírio dignificante.

Felizes os que sofrem dessa espécie de sofrimento, onde não entra a degradação, onde não há o envilecimento. Não sei como Joaquim Costa Ribeiro suportou os seus poucos anos de viuvez. Imagino a sua solidão, que os filhos minoravam certamente.

Agora deixou a sua cruz, pousou-a de repente no chão e adormeceu na vida eterna, que seria injusto e incompreensível não existir para homens como ele — de alma delicada, de uma nobreza, de uma luz interior que não deve, que não pode apagar-se na ausência, no vazio, no fim de tudo.

Augusto Frederico Schmidt